



Recebido em 12/07/2024

Aceito em 16/12/2024

DOI: 10.26512/emtempo.v23i44.54723

NOTA DE PESQUISA

Conflitos entre ricos e pobres na Cristandade do Primeiro Século: As cartas de Paulo aos coríntios e a carta de Tiago

Conflicts between the rich and the poor in First-Century Christianity:
Paul's letters to the Corinthians and the letter of James.

Ramon Delfino Caji

Graduado em História pela Universidade de São Paulo
<https://orcid.org/0009-0008-0760-5957>

RESUMO: Este artigo procura discutir conflitos entre ricos e pobres nas primeiras comunidades judeu-cristãs urbanas do Império Romano situadas no Mediterrâneo oriental. Trata-se de um estudo comparativo sobre as assembleias destinatárias das cartas de Paulo aos coríntios e da carta de Tiago, centrando-se na intenção de analisar a vida social dos cidadãos crentes em Jesus da segunda metade do século I EC. As fontes fazem parte de um gênero literário específico da Antiguidade que foi utilizado por agentes apostólicos do judaísmo querigmático de tipo cristão para densos e variados níveis de comunicação com seus seguidores e colaboradores. Em virtude disso, busca-se investigar fundamentalmente as diferenças e as semelhanças nos problemas sociais entre ricos e pobres das assembleias de Corinto e da comunidade de Tiago.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo e Tiago. Conflitos entre ricos e pobres. Judeus e cristãos no Império Romano.

ABSTRACT: This article seeks to discuss conflicts between rich and poor in the first urban Jewish-Christian communities of the Roman Empire located in the eastern Mediterranean. It is a comparative study about the assemblies that received Paul's letters to the Corinthians and the letter of James, focusing on the intention of analyzing the social life of city-dwellers who believed in Jesus in the second half of the first century CE. The sources are part of a specific literary genre of Antiquity that was used by apostolic agents of Christian kerygmatic Judaism for dense and varied levels of communication with their followers and collaborators. As a result, the aim is to fundamentally investigate the differences and similarities in the social problems between the rich and the poor in the assemblies of Corinth and the community of James.

KEYWORDS: Paul and James. Conflicts between rich and poor. Jews and Christians in the Roman Empire.

Agentes e espaços de integração no Antigo Mediterrâneo oriental

A morte de Jesus de Nazaré em Jerusalém, aproximadamente no ano 30 EC, desencadeou o surgimento da crença em sua ressurreição. Seus primeiros discípulos camponeses da Galileia, falantes do aramaico, foram os principais responsáveis por divulgar e expandir esta crença aos judeus helenistas¹. A figura de Jesus ressurreta, chamado Cristo, rapidamente tornou-se compatível com as ideias messiânicas de parte dessas pessoas, ao ponto de tornar-se um culto relativamente popular em algumas comunidades judaicas na região da Síria e do Egito, especialmente nas cidades de Antioquia, Damasco e Alexandria.

Em poucas décadas, com efeito, inúmeras comunidades urbanas de judeus e gentios crentes em Jesus se formaram no Mediterrâneo oriental, marcado na época pela cultura helenística e pela dominação romana². Este universo social de língua grega, por sua vez, possibilitou o pleno desenvolvimento do que a historiadora Ana Paula Scarpa chama de rede de interconexão e solidariedade (2017, p. 39), via pela qual os crentes em Cristo puderam utilizar-se do aparato material e simbólico de integração mediterrânea para se comunicar principalmente por meio do envio de cartas e de missionários colaboradores.

As cartas, ou epístolas antigas, constituem um gênero literário próprio, muito difundido no Mundo Antigo, sobretudo concebido pelas intenções de resolver problemas cotidianos, fornecer informações ou até mesmo desenvolver reflexões e orientações mais aprofundadas. A estrutura fundamental deste tipo de texto é composta por três elementos: *inscriptio* ou cabeçalho, que anuncia o remetente e o destinatário; *subscriptio* ou despedida, frequentemente preenchida por felicitações e saudações; e o conteúdo, que variava de acordo com as pretensões do autor. No caso específico da epistolografia cristã, as cartas mais antigas que chegaram até nós são de autoria do apóstolo Paulo. Não há como saber se outros escritos anteriores foram produzidos por crentes em Jesus, mas se foram, não sobreviveram ao tempo.

Instruções para a resolução de problemas, recomendações sobre o modo ideal de se viver, argumentos a respeito do significado da morte e da ressurreição de Cristo e repreensões comportamentais e morais foram alguns dos principais objetivos para a produção destas epístolas (MEEKS, 2022, p. 246). Não obstante, as cartas paulinas também foram utilizadas por seus seguidores com distintos propósitos. Elas tornaram-se gradativamente parte de um instrumento de poder e autoridade entre os cristãos, pois, conforme colocou Scarpa, as orientações grafadas foram transformadas em argumentos de autoridade justamente pela regularidade com que eram retomadas em momentos de reuniões e controvérsias (SCARPA, 2017, p. 45).

¹ Os “Judeus helenistas”, ou helenizados, surgiram com a difusão da língua grega pelo Mediterrâneo oriental e pelo Sudoeste Asiático, impulsionada pelas conquistas militares de Alexandre o Grande e pelos reinos helenísticos a partir do século IV AEC. Muitas comunidades judaicas, neste processo, adotaram o grego como língua comum e passaram a utilizar a Septuaginta, ou Bíblia dos Setenta, uma versão grega dos textos da Bíblia Hebraica, como base da organização de suas vidas sociais religiosas. Desta forma, o hebraico tornou-se um idioma litúrgico, utilizado somente em comunidades restritas, localizadas sobretudo na região da Palestina e da Mesopotâmia.

² O termo “gentio” é empregado para se referir às pessoas de origens politeístas.

Apesar de a tradição cristã desde o século II atribuir pelo menos treze cartas ao referido apóstolo, a crítica textual moderna construiu um consenso em torno da autenticidade de apenas sete delas (ARBIOL, 2018). Estes escritos originais foram produzidos na década de 50 EC e buscaram solucionar problemas sociais e religiosos de algumas comunidades judeu-cristãs específicas, localizadas no tempo e no espaço. Não por acaso, estas cartas levam o nome dos destinatários citadinos a que o apóstolo se referia. Em ordem cronológica de produção, são elas: 1 Tessalonicenses, Gálatas, 1 Coríntios, 2 Coríntios, Filipenses, Filemon e Romanos. Já as epístolas pseudopaulinas subdividem-se em dois grupos: deuteropaulinas (Colossenses, Efésios e 2 Tessalonicenses), produzidas entre os anos 60 e 90, e as pastorais (1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito), situadas entre os anos 110 e 130 (CHEVITARESE, 2022).

No decorrer de suas viagens pelo Mediterrâneo, Paulo entrou em contato com diversas pessoas conhecidas como “tementes a Deus”. Estes eram gentios “atraídos pelo judaísmo que viviam na órbita da Sinagoga” (MARGUERAT, 2015. p. 146). Ou seja, eram indivíduos de origem politeísta que acabavam se identificando de algum modo com as crenças e práticas judaicas, mas que por fartos motivos não realizavam a conversão total para o judaísmo, preferindo manter-se apenas como simpatizantes. Estes tornaram-se os principais alvos de missionários como Paulo, pois a religiosidade pregada por ele era mais atrativa, uma vez que não exigia tantos requisitos para a conversão, como a circuncisão, e sobretudo para a integração social nas comunidades urbanas que ficaram conhecidas como *ekklesiae* - assembleias, em grego.

Nestes lugares conviveram pessoas de diferentes origens, com as mais variadas ocupações nas sociedades do Mundo Romano. Muitos impasses que permeavam o tecido social urbano, como os conflitos entre ricos e pobres, foram reproduzidos internamente por estas comunidades, justamente por não se constituírem como universos isolados do restante do Império. Isto quer dizer que o contexto imperial, em escala maior, e as conjunturas citadinas do Mediterrâneo oriental, em escala menor, são extremamente importantes para compreendermos mais a fundo as dinâmicas das congregações judeu-cristãs, que a esta altura diferenciavam-se absurdamente do universo campesino e das condições que orbitaram o Movimento do Jesus histórico. Tendo isto em vista, as epístolas paulinas que mais apresentam elementos destas contradições sociais causadas por aspectos socioeconômicos são as destinadas aos membros da congregação que se reunia na cidade de Corinto - capital da província romana da Acaia.

Da forma como estão organizadas atualmente, no entanto, as cartas aos coríntios não representam unidades. A quebra de coerência repentina, especialmente no conteúdo, mas igualmente em relação à forma e ao estilo, fez com que muitos acadêmicos apontassem dois tipos principais de interpolação neste corpus. Em primeiro lugar, o caso de adição de glosas, que em alguns manuscritos mais antigos aparecem nas margens e nos mais recentes integram completamente o texto principal, como é o caso de 1 Coríntios 14:34-36 em que o autor ordena que as mulheres fiquem caladas na *ekklesia*, pois devem ser submissas³. Ora, tais ideias contrastam flagrantemente com o que Paulo já dissera no capítulo 11 da mesma carta, em que o

³ *Ekklesia* é o singular de *ekklesiae*.

apóstolo orienta que as mulheres se manifestem publicamente nestes lugares com o uso de véu. Tal trecho, dentre outros, é visto como uma interpolação de algum copista que pretendera atualizar as ideias paulinas, muito provavelmente à luz da carta pastoral de 1 Timóteo, que apoia uma estrutura eclesiástica conservadora radicalmente diferente dos preceitos originais paulinos (MENDES, 2012, p. 53-54).

O segundo caso representa, por sua vez, a compilação e edição posterior dos conteúdos que originalmente faziam parte de diferentes excertos e bilhetes. Essa situação, segundo Carlos Gil Arbiol, está presente em ambas as cartas endereçadas aos coríntios, embora seja mais explícita na segunda (ARBIOL, 2018). Isto quer dizer que ao invés de duas epístolas, elas originalmente formavam um conjunto epistolar de cerca de cinco até oito bilhetes distintos, enviados em diferentes momentos à *ekklesia* de Corinto e reunidos como duas únicas coleções posteriormente.

Além destes, outro documento que permite compreender como as primeiras lideranças buscaram resolver os problemas internos de suas comunidades é a carta atribuída a Tiago. O nome evocado na inscriptio deste excerto pode fazer referência principalmente ao já atestado irmão de Jesus, líder da assembleia formada em Jerusalém após a morte de seu líder. Entretanto, é altamente improvável que ele tenha realmente redigido esta carta, dado que, assim como Jesus, era um camponês analfabeto, monoglotá do aramaico e pouco instruído; além de situar-se temporalmente distante da datação da carta, que abrange, segundo os pesquisadores, uma larga margem histórica que vai dos anos 60 até 100 EC (MARGUERAT, 2015). Desse modo, a autoria foi atribuída certamente mais tarde.

Ainda que tenha sido endereçada às “doze tribos da diáspora”, como uma colocação simbólica que a fez uma espécie de encíclica de mútua circulação, a carta de Tiago apresenta alguns elementos que podem ser percebidos como indícios de um endereçamento particular. Em outras palavras, a citação de certos conflitos no material pode significar que o autor pretendia resolver problemas e conflitos reais de uma comunidade de crentes em Cristo específica, localizada certamente no universo social urbano de língua grega. Como tal, é possível comparar as condições enfrentadas por este autor e por Paulo, na medida em que esta reflexão evidencia pequenas informações a respeito do modo de vida dessas pessoas, como costumes, práticas e conflitos entre ricos e pobres em comum.

Antes da análise, contudo, resta ainda comentar sobre as traduções das fontes utilizadas neste texto. Consoante a isto, é possível dizer que “hoje, nas universidades em que se estuda o Novo Testamento de uma perspectiva histórica, o texto grego do Novo Testamento mais utilizado é a edição de Nestle-Aland” (LOURENÇO, 2018, p. 36), porque configura-se justamente como uma versão crítica dos textos neotestamentários que tem por base os manuscritos mais bem avaliados pela crítica textual. Para esta pesquisa, destarte, optou-se por utilizar a versão organizada e traduzida direto do grego para o português, calcada na Nestle-Aland, por Frederico Lourenço.

Trata-se, por sua vez, de uma das melhores traduções disponíveis em português, não somente por ser realizada por um acadêmico altamente especializado no idioma original, mas também por inserir introduções abrangentes, esclarecer os critérios

de tradução e apontar notas explicativas para suas escolhas, indicando possíveis interpolações na grafia original e passagens de difícil compreensão.

Os conflitos na *ekklesia* de Corinto

Paulo tomou conhecimento de que havia conflitos sociais na comunidade de Corinto por meio de duas vias independentes. A primeira foi por meio de algumas pessoas não nomeadas da casa de Cloé, que reunia a família de uma mulher abastada e os escravizados sob sua dominação, que foram pessoalmente à sua estadia em Éfeso e comunicaram que havia discórdias entre os coríntios. Já a segunda foi através de uma epístola enviada pela própria assembleia e levada a ele por uma delegação composta por Estéfanos, Fortunato e Acaico. À primeira vista, Paulo parecia estar diante de problemas estritamente comportamentais: os coríntios recusavam-se a abandonar o modo de vida politeísta que possuíam antes da integração à crença em Jesus e igualmente resistiam a obedecer às suas ordens para a adoção de um novo modelo de vida.

Para a historiadora Simone Rezende Mendes (2012), a principal força motriz dos problemas enfrentados por Paulo seria a legitimidade de seu apostolado. Isto quer dizer que ao pregar um tipo de judaísmo messiânico desapegado das observâncias rituais da Lei Mosaica para os simpatizantes e para os prosélitos de origem politeísta, Paulo teve que lidar com a contestação de sua autoridade, intimamente relacionada com sua posição de Apóstolo, por conta da oposição interna de alguns grupos que tendiam ao rigorismo, no sentido de cumprimento estrito e formal das leis judaicas, em especial das regras alimentares e da circuncisão⁴. Essa oposição a sua forma de pensar a integração dos gentios na crença em Jesus, segundo Mendes, traduzia-se como questionamento da legitimidade de seu apostolado. Pode-se dizer, assim, que os problemas pessoais que teve que enfrentar referiam-se, principalmente, a sua autoridade diante dos membros da *ekklesia* coríntia.

Para Mendes, ademais, havia dois tipos principais de conflitos nesta assembleia: os de natureza política e os da ordem de conduta. O primeiro refere-se diretamente aos embates que Paulo travou com as facções que se opunham a ele e o segundo tipo reflete precisamente a questão já mencionada da permanência dos coríntios no modo de vida anterior à adesão ao paleocristianismo⁵, que também contrariava as expectativas paulinas. A compreensão de Mendes ainda permanece, no entanto, lastreada prioritariamente pela compreensão que o próprio autor da fonte possuía. Infere-se, para ir mais longe, que o questionamento da autoridade paulina e a permanência no modo de vida politeísta aparecem superficialmente como sintomas de uma realidade material específica, que possui origem nos conflitos entre ricos e pobres dentro da comunidade.

Mendes demonstra em seu trabalho como John K. Chow pensava estes conflitos. Para este autor, tratava-se de um desdobramento dos vínculos de patro-

4 Simpatizantes são os gentios tementes a Deus. Já os prosélitos são os gentios totalmente convertidos.

5 A autora utiliza o termo “paleocristianismo” para referir-se ao Cristianismo pré Concílio de Nicéia em 325 EC.

nato, que representavam parte das relações verticais de dependência no Mundo Romano, caracterizadas principalmente pela troca de favores, serviços, bens e obrigações entre pessoas de diferentes status sociais (MENDES, 2012, p. 63).

Consoante a isto, John Dominic Crossan e Jonathan Reed afirmam que a maior parte dos problemas da assembleia coríntia estava relacionada com a refeição comunal e com o momento de celebração da chamada Ceia do Senhor. Estas práticas derivam das refeições comunais que eram importantes na vida social dos cidadãos da Bacia Mediterrânea, porque caracterizavam, dentre outras coisas, um momento de comunhão para honrar e agradar os deuses. De certa forma, os crentes em Jesus reproduziam essa tradição que existia em todo o Império, reunindo-se para refeições comuns e para relembrar coletivamente a morte e ressurreição de Cristo principalmente através de orações e do consumo coletivo de pão e vinho. Para Crossan e Reed, o problema que existia na ceia destes crentes também era consequência direta da atuação dos chamados patronos:

A maioria dos problemas em Corinto emanava, como mostrou John Chow, dos poderosos patronos membros da assembleia cristã, gente muito boa para ajudar, apoiar e proteger, mas ao mesmo tempo muito nociva à causa da unidade, igualdade e da comunidade (CROSSAN; REED, 2007, p. 306).

A questão principal interpolada é que os ricos patronos eram aqueles que recebiam os demais membros em suas casas para reunir a *ekklesia*. Nestes momentos de refeições comunais, invariavelmente, os vínculos de patronato eram acionados e a desigualdade social entre ricos e pobres tornava-se visível, pois as melhores comidas e bebidas eram fornecidas aos patronos e seus convidados mais íntimos enquanto os demais ficavam com a comida ruim ou até mesmo sem o que comer. Perspectiva bem fundamentada em:

Certo patrocinador rico convidou as assembleias para a celebração conjunta da Ceia do Senhor e, como de costume, cada pessoa trouxe comida e bebida para repartir com todos. Mas ‘cada um se apressa por comer a sua própria ceia, e, enquanto um passa fome, o outro fica embriagado’ (1 Cor 11:21). Em vez de refeição comunitária, cada um comia sua própria porção, de tal maneira que os mais abastados comiam e bebiam melhor do que os mais pobres (CROSSAN; REED, 2007, p.308).

A autora Sebastiana Nogueira também concordou com essa posição. Para ela, os problemas da comunidade coríntia tornavam-se visíveis no momento da refeição comunal. É como se as contradições sociais das diferenças que existiam entre os crentes fossem escancaradas nesta ocasião. Se observarmos bem, é possível depreender que não havia apenas conflitos e divisões, mas uma verdadeira desordem social que se materializava nas refeições. Para a autora, a questão principal que estava em jogo era a pretensão de unidade dos membros da *ekklesia*, justamente porque as nítidas divisões que existiam entre eles e que foram relatadas por Paulo pareciam inviabilizar os pressupostos mais básicos da própria Eucaristia, que consistiam em comunhão e igualdade em torno da crença em Jesus. Conforme colocou: “A comunidade estava dividida em sua base econômica. Os ricos humilhavam e discriminavam os pobres (v. 22)” (NOGUEIRA, 2021, p. 82). Tal posicionamento garante que estas divisões certamente partiam da desigualdade socioeconômica entre os membros da assembleia e dos vínculos que existiam na sociedade urbana, em Corinto.

Nogueira ainda afirma que “A tentativa de Paulo de desconstruir a estratificação social que estava ocorrendo na Ceia do Senhor vai diretamente contra a tendência de tais refeições” (NOGUEIRA, 2021, p. 83). A autora vislumbra que a conjuntura social de Corinto, como sendo uma cidade cosmopolita formada por pessoas de diferentes origens, principalmente por helenistas e descendentes dos colonos romanos, e as dinâmicas experienciadas pelos citadinos em suas refeições comunais também fizeram parte da condição específica da *ekklesia* coríntia. Percebe-se, assim, que havia na comunidade uma tentativa de celebração e refeição comunal em torno da memória de Cristo que era parcialmente inviabilizada por conta das desigualdades sociais e da resistência de alguns grupos em adotar um novo estilo de vida mais igualitário. Nogueira ainda sugere outro dado importante ao afirmar que os próprios ricos eram os agentes causadores de alguns desvios comportamentais mencionados pelo autor da fonte. Isso permite apontar que aquilo que o apóstolo enxergava como desvios de conduta e recebia como questionamento de sua autoridade na verdade pode ter sido produto da persistência dos ricos patronos em manter seus costumes e privilégios já praticados na cidade. Conforme se segue:

O que fica claro é que os cristãos coríntios mais abastados continuavam a seguir as convenções sociais da cultura pagã no que se refere ao comer e beber em banquetes. Tendo essa postura na refeição da Ceia do Senhor, os mais ricos comiam na sala de jantar, enquanto os pobres no átrio. Havia dois tipos de comida para ser servida, proceder típico dos banquetes pagãos, onde pobres e ricos eram separados. Muitos membros escravos e pobres chegavam atrasados na ceia por causa de seus trabalhos. A consequência é que nada mais encontravam para comer e permaneciam com fome, atitude contrária à unidade que se esperava na Ceia do Senhor. (NOGUEIRA, 2021, p. 83-84)

A própria Simone Mendes destaca também a importância das dinâmicas sociais na Corinto romana, incluindo os vínculos de patronato, a fim de compreender as relações sociais internas na *ekklesia*. O que chama atenção em seus destaques, é o realce concedido à localização geográfica de Corinto, uma cidade capital provincial lançada no mar, localizada entre Roma e as demais regiões do Mediterrâneo oriental. Os dois portos, de Lequeu, no Golfo Coríntio, e o de Cencreia, no Golfo Sarônico, atraíam marinheiros, comerciantes e pessoas das mais diversas regiões do Império. A economia da cidade basicamente girava em torno do comércio e em menor escala da agricultura.

Além disso, Mendes destaca que, como uma colônia tipicamente romana, o urbanismo da cidade de Corinto configurava-se como um instrumento político poderoso. É nesse aspecto que o patronato mais se sobressai. Os símbolos arquitetônicos da cidade representavam materialmente as benfeitorias realizadas pelos que ocupavam as posições mais altas neste sistema que se configurava como uma pirâmide patronal em que no topo estavam os deuses, seguidos pelo imperador e depois pelas aristocracias senatorial, provinciais, citadinas e por fim, abaixo, os cidadãos comuns, os libertos e os escravizados. Segundo Mendes, as práticas sociaiscivis de Corinto manifestavam esses vínculos de patronato, como os sacrifícios, os ofícios sacerdotais e as refeições cívicas. Desse modo, vê-se que:

O patronato estava amplamente difundido na paisagem urbana de Corinto: a arquitetura, as imagens e as inscrições, ou seja, as configurações do espaço

urbano e cívico também expremiam os traços desse sistema de relações verticais.(MENDES, 2012, p.115).

Como já mencionado, Mendes comprehende os conflitos sociais em Corinto a partir de dois tipos principais, os de conduta e os de natureza política. É possível dizer, no entanto, que ambos são consequência direta da profunda contradição e desigualdade social que existia nesta comunidade eclesiástica, especialmente manifestas no momento da refeição comunal. Realça-se, portanto, que a hierarquia patronal da cidade, expressa nas convivências dos membros da *ekklesia*, contrastava com a unidade em torno do ideal igualitário proposto por Paulo⁶. A projeção realizada pelo apóstolo não se concretizou; pelo menos não da forma que era esperada. Neste caso em específico, a desigualdade e a hierarquia social que existia entre os indivíduos de Corinto de acordo com suas posições ou status na política e na economia impediu a pretensão paulina de uma igualdade entre os membros da *ekklesia*, porque estes carregavam consigo seus símbolos, identidades e atuações para dentro do ambiente da condição eclesiástica.

Sobre a unidade e o ideal igualitário mencionados é interessante observar as ponderações de John Dominic Crossan. Para ele, o apóstolo precisava lidar com três diferenças sociais basilares para instituir seu projeto. As diferenças eram de classe (entre ricos e pobres, de um lado; e livres e escravizados, de outro), de gênero (entre homens e mulheres) e étnicas (entre judeus e gentios/gregos). Contudo, segundo Crossan, as diferenças de classe tornaram-se um grande problema para Paulo porque não podiam dissolver a hierarquia que existia entre os membros. Assim, afirmou: “Seria possível, por exemplo, preservar a diferença sem hierarquia, no caso de etnia e gênero, mas não no caso de classe. Quanto à classe, a diferença é a hierarquia e a hierarquia é a diferença.” (CROSSAN, 2004, p. 32).

Essa realidade explica como Paulo conseguia negar totalmente a hierarquia e a própria diferença material entre judeus e gregos, pensando no caso da circuncisão e das regras alimentares que separavam ambos os grupos, mas tinha dificuldades para fazer o mesmo com as diferenças entre homens e mulheres e ainda mais com escravizados e livres, de um lado, e ricos e pobres, de outro, fazendo com que nunca questionasse materialmente as bases da hierarquia entre estes dois últimos antagonismos. Desse modo, seria preciso realizar a seguinte pergunta: é realmente possível constituir uma unidade na diversidade sem que exista hierarquia? Ou seja, neste contexto histórico foi possível que existisse uma unidade em torno da fé em Jesus Cristo sem hierarquia social de classes em Corinto? Pode-se concluir pelo exposto que não. Os conflitos de Corinto deviam-se prioritariamente às diferenças de classe e às contradições sociais que envolviam a sociedade coríntia e os anseios igualitários paulinos.

Isto posto, desde o século XIX os historiadores, críticos textuais e exegetas vêm discutindo se haveria ou não diversidade socioeconômica na comunidade, isto é, se haveria uma composição heterogênea de ricos e pobres ou apenas uma classificação

⁶ É possível perceber este ideal em: 1 Coríntios 12:13: “E num espírito todos nós fomos batizados para formarmos um corpo, quer judeus, quer gregos; quer escravos, quer pessoas livres, e todos bebemos um espírito.” e principalmente em Gálatas 3:28 “Não há judeu nem grego, não há escravo nem pessoa livre, não há macho nem fêmea: todos vós sois um em Cristo Jesus”.

mais homogênea de pobres que estariam divididos em livres, libertos e escravizados. (PROVIN, 2007). Embora seja um debate com muitas nuances, a primeira opção parece se encaixar melhor. As fontes seguramente permitem afirmar que havia diferenças sociais significativas entre os membros da assembleia e a passagem mais importante para essa constatação é 1 Coríntios 1:26: “Considerai o vosso chamamento, irmãos: não são muitos os sábios segundo a carne; não são muitos os poderosos; não são muitos os de nascimento nobre”. Ao leremos esta inserção contra a vontade do autor, a contrapelo, percebemos que o fato dele mencionar que não há “muitos” sábios, poderosos e de nascimento nobre significa exatamente o contrário: que essas pessoas existiam dentro da comunidade, ainda que fossem em pouca quantidade.

De acordo com Gerd Theissen (1987), os sábios podem representar as pessoas instruídas, com recursos o suficiente para terem acesso a uma educação formal; os poderosos seriam os influentes, provavelmente membros dos altos círculos políticos e econômicos e os de família nobre seriam aqueles que eram pertencentes à aristocracia da cidade. Esses grupos formavam, aponta Cintya Santos, uma minoria na comunidade e na cidade, mas ainda assim exerciam grandes influências em ambos os circuitos, configurando uma elite privilegiada na própria *ekklesia*. Para a autora, portanto, “a composição da comunidade era consideravelmente heterogênea.” e “As divergências entre seus membros eram frequentes” (SANTOS, 2011, p. 134).

Com esses esclarecimentos em mente, pode-se partir para a análise das fontes. Paulo afirma em 1 Coríntios 1:10-11 que tomou consciência por intermédio dos enviados da casa de Cloé que existia discórdia - skhísmatas, divisões em grego - entre os coríntios:

Peço-vos, irmãos, através do nome do Nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos o mesmo e que não existam entre vós divisões; concertai-vos no mesmo pensamento e na mesma opinião. É que me foi tornado claro a vosso respeito, meus irmãos, por intermédio dos de Cloé, que existem discórdias entre vós.

Nesta mesma inserção, ele orienta para que haja consenso nas opiniões e pensamentos na assembleia, manifestando intensa preocupação com o dissenso. Adiante, o apóstolo faz referência às divisões que existiam na *ekklesia* com base na presença de Apolo:

Aquilo a que me refiro é isto: que cada um vós anda dizendo ‘eu sou de Paulo’, ou ‘eu sou de Apolo’, ou ‘eu sou de Cefas’, ou ‘eu sou de Cristo’. Terá Cristo ficado dividido? Não foi Paulo que foi crucificado por vós, não? Nem fostes batizados no nome de Paulo. Agradeço a Deus por eu não ter batizado nenhum de vós, a não ser Crispo e Gaio, para que ninguém diga que fostes batizados no meu nome. Batizei também os da casa de Estéfanos, mas além desses, não sei se batizei mais alguém. Pois Cristo não me enviou para batizar, mas para anunciar a boa-nova. Não em sabedoria de discurso - para que não fosse esvaziada a cruz de Cristo. O discurso da cruz é absurda para os que não se salvam; mas para os que se salvam - para nós - é poder de Deus. Pois ficou escrito: destruirei a sabedoria dos sábios e anularrei a inteligência dos inteligentes. Onde está o sábio? Onde está o letrado? Onde está o investigador desse tempo? Deus não tornou absurda a sabedoria deste mundo? Pois uma vez que não foi na sabedoria de Deus que o mundo conheceu Deus, aprouve a Deus salvar os que acreditam através da absurda da proclamação. Enquanto judeus pedem sinais e gregos buscam sabedoria, nós proclamamos Cristo crucificado: um escândalo para judeus, um absurdo para gentios; mas para os que são chamados, judeus e gregos, Cristo é poder e sabedoria de Deus. Porque

a absurdez de Deus é mais sábia que a raça humana; e mais forte que a raça humana é a fraqueza de Deus. (PAULO, PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS, 2018, 1 Coríntios 1:12-25).

Para Murphy-O'Connor (2007), Apolo provavelmente era um missionário oriundo de Alexandria que foi bem recebido pelos coríntios e impressionou certos grupos por conta de sua interpretação do judaísmo mais alinhada com a filosofia helenística. A fim de mitigar as divisões e a adesão ao pensamento alexandrino, Paulo afirmou que o batismo não pode se dar em seu nome ou no de Apolo e mencionou que a sabedoria deste mundo de nada serve para refletir sobre a lógica de um messias crucificado, que seria escândalo para os judeus e absurdo para os gentios. Neste momento, o autor começa a introduzir uma de suas reflexões mais interessantes, fundamentada no convencimento pelo contrário da lógica. Ele justifica a absurdez da crucificação de Jesus e a limitação do pensamento filosófico nessa compreensão a partir da oposição entre a sabedoria do mundo e a sabedoria de Deus. Para Paulo, o fato dos gregos e judeus negarem a Cristo e sua revelação é exatamente a confirmação do poder dos mistérios divinos, pois tanto judeus quanto gregos são do mundo e a autêntica sabedoria divina foi ocultada daqueles que se acham sábios e poderosos e transmitida apenas aos fracos e humildes.

Em seguida, Paulo aplica este mesmo raciocínio, baseado no antagonismo entre fortes e fracos, que utilizou para solapar a validade da filosofia grega - vista como sabedoria estritamente humana e, portanto, inferior à revelação divina - para abordar a diferença de classes na comunidade. Nesta ocasião, o apóstolo introduz, como já mencionado, a informação mais importante sobre a diversidade social na comunidade⁷. Aqui, a eleição divina aparece claramente como sendo prioritária daqueles que são desfavorecidos, os pobres. Com isso, pode-se inferir que o grupo que manifestava adesão ao que Paulo chamou de sabedoria humana está intimamente associado àqueles que estão em menor quantidade na assembleia, os ricos, porque o autor desconstrói a validade da interpretação filosófica por meio do engrandecimento da condição social daqueles que são desfavorecidos e desprezados, dando a entender que os pobres estão interligados à sabedoria divina, justamente porque ambos aparecem superficialmente como sendo de menor importância, mas no fundo representam a plena realidade do plano de Deus.

A outra passagem importante para esta análise é 1 Coríntios 11:18-34, trecho que faz referência à refeição comunal:

Primeiro, ouço que, quando vos reunis em assembleia, existem divisões entre vós; e em parte eu acredito. É necessário que haja divisões entre vós, para que também entre vós os aprovados se tornem manifestos. Ao vos reunirdes para o mesmo não é para comer a ceia do Senhor: pois cada um antecipa a própria ceia no momento de comer; e esse passa fome, enquanto o outro está embriagado. Será que não tendes casas para comer e beber? Ou desprezais a congregação de Deus e envergonhais aqueles que nada têm? Que vos direi? Haveria eu de vos louvar? Nisso, não louvo. Pois eu recebi do Senhor o que também vos ofereci: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: 'Isto é o meu corpo, que é para vós; isto fazei, para a minha memória'. Do mesmo modo, também o cálice tomou depois da ceia, dizendo: 'Este cálice é a nova aliança no meu sangue; isto fazei -

⁷ 1 Coríntios 1:26, já discutida.

quantas vezes o beberdes - para a minha memória'. Pois quantas vezes comerdes esse pão e beberdes desse cálice, a morte do Senhor anunciais, até que ele venha. Assim: aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente será culpado do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se cada pessoa a si própria e assim coma desse pão e beba desse cálice. Pois quem come e bebe, come e bebe a própria condenação ao não distinguir o corpo. Por isso, há entre vós muitos fracos e doentes e muitos falecem. Se examinássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas ao sermos julgados pelo Senhor, somos castigados, para que não sejamos condenados com o mundo. Assim, meus irmãos, reunindo-vos para comer, esperai uns pelos outros. Se algum tiver fome, que coma em casa, de modo a que não vos reuñais para vossa condenação. (PAULO, PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS, 2018).

Nesta colocação, o apóstolo discute o ponto de maior inflexão que realmente informa sobre os processos sociais vividos pelos coríntios. Este é um ponto fundamental para entender a essência dos problemas entre ricos e pobres na *ekklesia*, o que não significa que outras questões não existissem. Novamente, Paulo afirma que ouviu dizer que quando os coríntios se reúnem em assembleia, existem divisões. Interessante notar que o autor relata que a ceia ficou impossibilitada de ser realizada porque as pessoas antecipavam a refeição e se embebedavam; assim, toda a comida e bebida reservada para o momento eucarístico acabava antes da própria celebração. O apóstolo, então, intervém relembrando aos coríntios que a ceia representa a comemoração da nova aliança na morte e ressurreição de Cristo e, por fim, orienta que todos esperem uns pelos outros antes de iniciar a refeição e que comam se tiverem fome apenas em suas próprias casas e no privado.

O que é indispensável realçar, para além do exposto, não é apenas a atuação do autor nesse jogo de tensões entre ricos e pobres na *ekklesia* de Corinto. Até aqui vê-se que os problemas na comunidade se deviam, sobretudo, à atuação dos patronos, os ricos, que resistiam a abandonar seus privilégios e prestígio que certamente existiam na vida social da cidade. Contudo, é fundamental retornar para a inferência em que Paulo demonstra ter consciência dos problemas em Corinto por conta de duas fontes de informações: os enviados de Cloé e a carta levada por uma delegação. Se levarmos em consideração que os conflitos estavam sendo causados essencialmente pelas diferenças sociais entre os membros e que os pobres estavam sendo prejudicados nessas ocasiões, tudo leva a crer que os próprios desfavorecidos tenham se organizado para requerer a Paulo que interviesse. Ou seja, no fundo percebe-se que por trás do texto e das intenções do autor existem realmente processos antagônicos que se fundamentam na tensão social entre ricos e pobres. A agência de ambos os grupos se torna visível: os ricos pretendiam conservar seus tratamentos qualificados e os pobres resistiamativamente a esta pretensão.

A refeição comunal, portanto, revela o momento de maior irrupção nos conflitos entre ricos e pobres na *ekklesia* de Corinto. As contradições sociais e as relações de dependência que existiam entre os membros eram escancaradas e, de certa forma, materializadas nos momentos de reunião para refeições e celebração da Ceia do Senhor, como se não pudesse mais ser escondidas e amarradas em prol de um ideal igualitário. Precisa-se, consoante a isto, que as refeições não representam o núcleo dos problemas, mas a consequência mais destoante da tentativa de emular uma assembleia que mitigasse a hierarquia presente entre pessoas de diferentes classes

sociais. Neste complexo panorama dialético, de um lado concentrava-se uma elite composta por políticos e comerciantes influentes que era responsável por receber os coríntios em suas residências, e de outro, o restante da comunidade, formada por trabalhadores artesãos, pequenos comerciantes e escravizados que trabalhavam nas casas e nas plantações.

Destarte, os problemas na *ekklesia* de Corinto derivavam, fundamentalmente, das disputas pela manutenção e simultânea ruptura dos prestígios, privilégios e demais benefícios que os ricos possuíam na sociedade coríntia e que os colocavam em posições superiores aos demais membros da congregação. Insatisfeitos com essa condição, os subalternos mobilizaram-se para questioná-la e exigir sua transformação. Portanto, a diversidade de classes e a atuação dos agentes envolvidos impossibilitou a igualdade pretendida por Paulo e exigida pelos demais, porque nesse caso em específico a diferença entre os grupos (ricos e pobres; livres e escravizados) era a própria desigualdade social e hierárquica que existia entre eles.

Os conflitos na *ekklesia* de Tiago

Mesmo com o cabeçalho destinando esta epístola aos crentes da Diáspora, provavelmente com a intenção de fazer com que ela circulasse em diferentes comunidades judeu-cristãs do Império Romano, existe a possibilidade de que esta carta tenha sido realmente escrita para uma *ekklesia* específica, justamente porque os assuntos tratados representam situações históricas concretas, que construíram problemas reais entre ricos e pobres para provocar a intervenção do autor. Por isso, a posição de Joseph Pak é de suma importância: “é altamente provável que Tiago esteja se dirigindo a um público com vários níveis sociais, incluindo os ricos, e esteja pedindo que eles cuidem dos pobres (2:14-17)” (PAK, 2020, p. 724)⁸. Ou seja, havia uma audiência específica, com um grau de diversidade social significativo, que estava recebendo esta correspondência e que certamente vivenciou pelo menos parte dos problemas mencionados nela. Portanto, a “*ekklesia* de Tiago” pode ser considerada uma comunidade de judeu-cristãos localizada no universo social de língua grega, em alguma região do Mediterrâneo oriental e temporalmente situada na segunda metade do século I EC, entre os anos 60 e 100.

O debate acadêmico mais importante em torno desta epístola refere-se à presença interna ou não dos ricos na comunidade. O que não é consenso é se estes mencionados seriam pessoas externas que ameaçavam a integridade dos pobres ou integrantes reais da *ekklesia* que estariam em disputas com os pobres. Pak afirma em seu texto que os pesquisadores adotam distintas interpretações para explicar esta relação. Mas é consenso que o autor estava, sobretudo, advertindo aos ricos e àqueles com certas condições materiais e recursos disponíveis sobre o uso indevido da riqueza. Esta deve ser utilizada, segundo o autor da fonte, para produzir a justiça divina e não para obter ganhos e privilégios pessoais.

⁸ It is highly likely that James is addressing an audience with various social levels including the rich and is calling on them to care for the poor.

Conforme Todd Scacewater afirma (2017, p. 227), Tiago estava preocupado com a dinâmica entre ricos e pobres e a utilização dos recursos para cumprir o mandamento do amor ao próximo. Percebe-se, assim, todo um esforço argumentativo baseado nos pressupostos da Torá e das interpretações proféticas.

Os conflitos entre ricos e pobres aparecem, especialmente, vinculados à noção de justiça social, conforme apresenta-se em Levítico 19:12-18:

Não jurareis falsamente pelo meu nome, pois profanarias o nome do teu Deus. Eu sou Iahweh. Não oprimirás o teu próximo, nem o roubarás: o salário do operário não ficará contigo até a manhã seguinte. Não amaldiçoarás um mudo e não porás obstáculo diante de um cego, mas temerás o teu Deus. Eu sou Iahweh. Não cometereis injustiça no julgamento. Não farás acepção de pessoas com relação ao pobre, nem te deixarás levar pela preferência ao grande: segundo a justiça julgarás o teu compatriota. Não serás um divulgador de maledicências a respeito dos teus e não sujeitarás a julgamento o sangue do teu próximo. Eu sou Iahweh. Não terás no teu coração ódio pelo teu irmão. Deves repreender o teu compatriota e, assim, não terás a culpa do pecado. Não te vingarás e não guardarás rancor contra os filhos do teu povo. Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou Iahweh. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002).

Scacewater aponta ainda que o autor faz alusão a uma realidade específica em que os ricos fraudavam os salários dos trabalhadores, buscando incrementar seus estilos luxuosos de vida, resultando na carestia e na morte dos marginalizados. O autor menciona que existe uma diversidade de significados que o termo “pobre” possui na Septuaginta, para além do desprovimento de bens e recursos materiais. Interessante ressaltar, com isso, que Tiago tinha discernimento dessa dimensão, apropriando-se dela para suas próprias constatações. Conforme Scacewater salienta: “os tradutores da Septuaginta entenderam que os termos hebraicos para pobres tinham mais a ver com opressão sociopolítica e disposição espiritual impotente do que estritamente com falta de recursos” (2017, p. 230)²⁹. Por isso, de acordo com ele, os pobres eram aqueles que não tinham condições sociais ou recursos legais porque careciam de riquezas, status e privilégios.

Já Pedrito Maynard-Reid (2004) sublinha que o foco estritamente teológico das análises distorceu a realidade histórico-social dos textos do Novo Testamento. Nesse sentido, nos últimos quinhentos anos, a epístola de Tiago tem servido apenas como contraponto conceitual da interpretação luterana da Justificação pela Fé, a fim de certificar a importância das obras na salvação. Os acadêmicos reforçam, porém, que o contexto específico da carta diz respeito ao uso justo da riqueza, o que necessariamente implica que os fiéis ajam de acordo com suas crenças. Por isso, é preciso direcionar as questões para a existência histórico-social das comunidades. Para Maynard-Reid, a epístola certamente reflete um meio judeu-cristão muito influenciado pelas concepções da Septuaginta.

Dito isto, faz-se necessário a abordagem dos trechos da epístola que fazem referência explícita aos conflitos entre ricos e pobres. No primeiro excerto, o apóstolo inicia suas críticas aos posicionamentos dos ricos:

²⁹ *The Septuagint translators understood that the Hebrew terms for poor were more about sociopolitical oppression and powerless spiritual disposition than strictly lack of resources.*

Que se vanglorie o irmão humilde na sua exaltação; e o rico, na sua humilde, porque passará como a flor a erva. Pois o Sol nasceu com calor abrasador e secou a erva; e a flor dela caiu e a beleza do seu aspecto pereceu. Do mesmo modo também o rico nos seus negócios murchará. (CARTA DE TIAGO 1:9-11, 2018).

Toda a estrutura confortável em que viviam os ricos seria destruída em prol da futura exaltação dos pobres. Mas é interessante notar que já neste primeiro trecho o autor deixa claro a sua preferência pelos desfavorecidos e enfatiza a eleição especial dos pobres nos planos divinos. O segundo excerto é ainda mais explícito e apresenta informações interessantes para acreditar que se trata de uma alusão a uma situação concreta:

Meus irmãos, não tenhais em favoritismos a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo da glória. Pois se entrar na vossa assembleia um homem com anéis de ouro, esplendorosamente vestido, e se entrar um mendigo, com roupas todas sujas, e vós olhares para o que veste a roupa esplendorosa e disserdes ‘senta-te aqui honradamente’ e ao mendigo disserdes ‘tu fica aí de pé’ ou ‘senta-te no chão, abaixo do estrado onde tenho meus pés’, não fizestes entre vós uma distinção e vos tornastes juízes com critérios iníquos? Ouvi, meus amados irmãos. Não é verdade que Deus escolheu os pobres neste mundo para serem ricos em fé e herdeiros do reino que ele prometeu aos que O amam? Mas vós desonrastes o mendigo. Os ricos não vos oprimem e não vos arrastam para tribunal? Não blasfemam eles o belo nome invocado sobre vós? (CARTA DE TIAGO 2:1-7, 2018).

O autor da carta argumenta que não deve haver favoritismos e acepção de pessoas entre os crentes em Jesus. Certamente essa orientação indica que isso deve ter ocorrido entre os membros da audiência. Além disso, o trecho “se entrar na vossa assembleia”, indica um evento possivelmente real, ainda que o discurso fornecido utilize exemplos fictícios para ilustrar a situação. O que mais chama atenção, porém, é a seguinte menção: “Mas vós desonrastes o mendigo”. O autor parece estar aludindo a um acontecimento concreto, em que a audiência em si efetivamente tenha cometido um ato de discriminação de pessoas com base em seus status e riquezas. Neste ponto, o autor não diz que a audiência foi discriminada, mas que ela própria discriminou.

Em seguida, uma inserção ainda mais expressiva: “Os ricos não vos oprimem e não vos arrastam para o tribunal? Não blasfemam eles o belo nome invocado sobre vós?”. Aqui os ricos aparecem como pessoas externas à comunidade, porque estão sendo referidos em terceira pessoa. Mas, conectando com o último excerto, a audiência cometeu atitudes parecidas com a dos ricos, que discriminam e humilham os pobres, levando-os para os tribunais. Sobre isto, O. E. Alana coloca: “Tiago aqui continua a demonstrar sua preocupação e simpatia pela causa dos pobres enquanto retoma sua denúncia dos ricos com mais veemência.” (ALANA, 2003, p. 297)¹⁰. Alana comenta que o retrato do homem rico fornecido na ilustração do discurso do apóstolo é de um representante da aristocracia, provavelmente um patrono, daí o tratamento diferencial dado a ele pela assembleia. Alana ainda reforça que: “a referência a ações judiciais implica que os ricos levaram os pobres aos tribunais por questões de dívidas, rendas, salários e promessas não cumpridas” (ALANA, 2003, p. 299)¹¹. Ou seja, os

¹⁰ James here continues to demonstrate his concern to and sympathy for the cause of the poor while he resumes his denunciation of the rich with more vehemence.

¹¹ Reference to legal actions implies that the rich took the poor to courts over issues of debts, rents, wages and unfulfilled pledges.

ricos humilhavam os pobres procurando apelar aos tribunais para explorá-los ainda mais.

O ponto principal que se sobressai é que alguns membros da assembleia seguramente realizaram tratamentos diferenciais para outras pessoas com base em suas posições sociais, sejam estas últimas integrantes ou não da própria *ekklesia*. Para criticar isto, Tiago relembrou aos seus leitores da humilhação que sofreram nas mãos dos ricos influentes, dando a entender que caíram no mesmo erro que seus opressores ao possuir favoritismos.

O último excerto é ainda mais intrigante:

Agora vós, os ricos! Chorai, gemendo, sobre as vossas humilhações vindouras. A vossa riqueza apodreceu e as vossas vestes estão comidas pelas traças. O vosso ouro e a prata ficaram corroídos e a sua ferrugem será um testemunho contra vós e devorará a vossa carne como fogo. Acumulastes tesouros nos últimos dias. Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos - salário que vós retivestes - clama! E os gritos dos ceifadores chegaram aos ouvidos do Senhor das Hostes. Vistes na terra para o luxo e vivestes para o prazer do corpo. Engordastes os vossos corações pensando somente no dia da matança. Julgastes e condenastes à morte o justo, ele que não se vos opõe. (CARTA DE TIAGO 5:1-6, 2018).

Se nas passagens anteriores o autor parecia não estar dialogando diretamente com os ricos, apenas com os oprimidos, nesta se dirige frontalmente a eles. Isso novamente levanta o questionamento: os ricos opressores fazem ou não parte da audiência do autor? Mesmo que aqui pareça estar sendo construído um diálogo e uma advertência direta, ainda é possível compreender o trecho como mais uma alusão a pessoas externas, como se o autor estivesse fazendo menção a elas para alertar seus leitores de suas opressões e do modo de vida indigno que os ricos se propõem a realizar humilhando os pobres. Não obstante, percebe-se atentamente que Tiago parece estar narrando uma situação concreta, que ocorreu com os membros da *ekklesia*, mas a utiliza para orientá-los a não reproduzir mais estes comportamentos. Este dado é relevante, pois, assumindo que os ricos opressores não fazem parte da assembleia, mesmo assim deve-se levar em consideração que existia um grau de diversidade socioeconômica internamente, porque neste caso Tiago estaria alertando aqueles que possuem condições e recursos materiais para utilizá-los em favor dos mais pobres e desfavorecidos.

Dessa forma, os conflitos entre ricos e pobres na *ekklesia* de Tiago desdobram-se a partir de duas vias que se complementam. Em primeiro lugar, os trechos permitem inferir que um grupo de ricos opressores certamente estiveram em confronto com os integrantes da comunidade. De acordo com Maynard-Reid, estes ricos poderiam ser mercadores, banqueiros e, sobretudo, proprietários de terras utilizadas para a agricultura, ainda mais levando em consideração o último excerto. É possível identificar que esta elite opressora era responsável por incriminar os pobres da *ekklesia* nos tribunais e por reter a remuneração que seria paga aos trabalhadores por conta de suas produções. Dessa forma, existe na epístola uma clara referência à exploração do trabalho. Este seria, afinal, o principal crime cometido pelos ricos: a opressão contra os desfavorecidos, naturalmente vistos como eleitos de Deus sob a

ótica da Septuaginta.

Em segundo lugar, pode-se observar que toda a construção argumentativa do autor da fonte indica que na própria audiência havia uma diversidade socioeconômica. Isto torna-se factível porque a carta está condenando a atitude dos ricos opressores para instruir os leitores que a riqueza e os recursos materiais devem ser utilizados de forma correta, levando em consideração a justiça social e divina; ou seja, deveriam ser aplicados apenas para o amparo dos marginalizados. É provável que houvesse membros com situações distintas umas das outras, alguns mais pobres materialmente do que outros, e isso foi o que motivou Tiago a exortar o cumprimento do mandamento do amor ao próximo mobilizando as riquezas, ainda que reduzidas, para o incremento da solidariedade entre todos. Desse modo, comprehende-se que havia problemas relacionados ao mau uso dos recursos internamente e também o problema do tratamento distintivo destinado a certos membros em detrimento dos demais.

Considerações finais

A esmagadora maioria dos escritores da Antiguidade não poupou mínimos esforços para descrever os pobres urbanos de formas caricatas, como indisciplinados, corruptos, violentos e desprezíveis. Paulo e Tiago, entretanto, ao contrário da maior parte dos autores greco-romanos, não retrataram os pobres dessa forma; na verdade, ambos procuraram defendê-los dos anseios, interesses e das opressões por parte dos ricos. Nesse sentido, ambos se configuraram como subalternos. A diferença entre eles é que enquanto Paulo certamente interveio nos problemas da *ekklesia* de Corinto porque foi motivado por algumas partes envolvidas no processo, Tiago não nos deixou saber se houve esse mesmo tipo de mobilização em sua comunidade.

Ademais, é possível destacar que Tiago foi muito mais incisivo em suas críticas aos ricos e defesa dos pobres do que o outro apóstolo. O primeiro se posicionou frontalmente contra as atitudes dos ricos opressores, movimentando esforços interpretativos vinculados à Septuaginta - mais especificamente à Torá e aos Profetas - para apelar às noções de justiça social e divina. Já Paulo, por outro lado, optou por contra-argumentar o discurso dos ricos, utilizando o recurso do convencimento pelo contrário da lógica, ao distinguir entre a sabedoria humana e a sabedoria divina para defender os pobres, mas sem lançar-se ferrenhamente contra os poderosos, justamente porque não se portava de forma totalmente avessa a eles. O último ponto em comum entre os dois autores é que ambos orientam aos pobres para que ajam de acordo com os planos divinos, de modo que não questionem as bases materiais da pobreza. À medida que Paulo tão somente subverte a importância da riqueza material ao valorizar a humildade no projeto divino, Tiago preconiza sobre seu uso correto e justo somente quando é utilizada para o amparo social dos marginalizados.

Não obstante, os elementos em comum entre os processos sociais vividos relacionam-se, sobretudo, aos conflitos entre as classes de influentes e poderosos, de um lado, e o restante dos integrantes da comunidade, de outro. Tanto na *ekklesia* de Corinto quanto na de Tiago os conflitos possuem seus eixos de gravitação na forma de tratamento destinada a certas pessoas, tomando como base seus status e riquezas, que visava a constituição de uma recepção privilegiada em detrimento dos demais

membros. Em outras palavras, pode-se depreender que as comunidades analisadas enfrentaram problemas decorrentes das posições sociais de seus integrantes, que desejavam manter ou romper o tratamento diferenciado destinado às pessoas com maiores riquezas e status. Conforme mencionado, é possível que essas pessoas privilegiadas tenham sido patronos, que ofereciam serviços e bens em troca de favores, exigindo a manutenção interna de seus benefícios sociais que já possuíam na estrutura social urbana do Mundo Romano.

Em contrapartida, as diferenças mostram-se mais expressivas. Em Corinto, é possível perceber que havia, segundo 1 Coríntios 1:26, uma elite privilegiada que realmente integrava a *ekklesia* e que era responsável por receber os crentes em suas casas e ao mesmo tempo manifestava o interesse de ser recepcionada de modo distintivo, seguindo os padrões que existiam na cidade. Isso não apenas chocou-se frontalmente com o ideal igualitário projetado por Paulo, como também provocou a insurgência dos demais membros da assembleia, que causaram verdadeiras inquietações nos momentos das refeições comunais e da Ceia Eucarística, chegando até o ponto de apelarem para que o apóstolo interviesse nesses conflitos. Não obstante, a *ekklesia* de Tiago parece ter lidado com duas situações distintas, mas complementares. Em primeiro lugar, os membros da congregação certamente sofreram com a opressão de uma elite de ricos, talvez externa, que atuou por meio da incriminação nos tribunais e especialmente por meio da exploração do trabalho e da retenção da remuneração dos trabalhadores. Por fim, esta assembleia também vivenciou conflitos internos relacionados ao tratamento especial concedido às pessoas com status e riquezas superiores.

Referências

- ALANA, Olu E. A word with the rich (James 5: 1-6)-Part II. *Verbum et Ecclesia*, v. 24, n. 2, p. 292-308, 2003.
- ARBIOL, Carlos Gil. *Paulo na origem do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2018
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- CARTA DE TIAGO. In: BÍBLIA, volume II: *Novo Testamento: Apóstolos, Epístolas e Apocalipse*. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- CHEVITARESE, André Leonardo. *Jesus de Nazaré: O que a História tem a dizer sobre ele*. Rio de Janeiro: Menocchio, 2022.
- CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan. *Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulus, 2007.
- EHRMAN, Bart. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?* Quem mudou a Bíblia e por quê. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2017.

- EHRMAN, Bart. *Como Jesus se tornou Deus*. São Paulo: LeYa, 2014.
- LOURENÇO, Frederico. “O texto do Novo Testamento”. In: Bíblia, volume II, *Novo Testamento: Apóstolos, Epístolas e Apocalipse*. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 27 – 37.
- MARGUERAT, Daniel (org.). *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- MAYNARD-REID, Pedrito U. *Poverty and wealth in James*. New York: Orbis Books, 2004.
- MEEKS, Wayne. *Os Primeiros Cristãos Urbanos*: o mundo social do apóstolo Paulo. São Paulo: Paulus, 2022.
- MENDES, Simone Rezende da Penha. *Paulo e a ekklesia de Corinto*: conflitos sociais e disputas de autoridade no período paleocristão. Universidade Federal do Espírito Santo. Dissertação de Mestrado (em História). Vitória, ES, 2012.
- MURPHY-O’CONNOR, Jerome. *Paulo de Tarso*: História de um apóstolo. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- NOGUEIRA, Sebastiana. A primeira carta aos coríntios. In: NOGUEIRA, Sebastiana; MACHADO, Jonas. *Lendo as cartas aos coríntios*: Unidade, diversidade e autoridade apostólica na comunidade cristã. São Paulo: Paulus, 2021.
- PAK, Joseph K. A case for James’s condemnation of the rich in James 5:1-6 as addressing false believers within the believing community. *Journal of the Evangelical Theological Society*, v. 63, n. 4, 2020.
- PAULO. PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS. In: BÍBLIA, volume II: *Novo Testamento: Apóstolos, Epístolas e Apocalipse*. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- PAULO. SEGUNDA CARTA AOS CORÍNTIOS. In: BÍBLIA, volume II: *Novo Testamento: Apóstolos, Epístolas e Apocalipse*. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- PROVIN, Genildo et al. *Estratificação social em Corinto*: debates recentes. Oracula, v. 3, n. 5, pp. 118-140, 2007.
- SANTOS, Cinthya. A composição social dos cristãos em 1 Coríntios. *Revista Jesus Histórico*, p. 130-138, 2011.
- SCARPA, Ana Paula. *Formação das Primeiras Ekklesiae no Mediterrâneo Antigo: Fronteiras e Integração nas Epístolas de Paulo de Tarso*. Universidade Federal de Ouro Preto. Dissertação de Mestrado (em História). Mariana, MG, 2017.
- SCACEWATER, Todd. The Dynamic and Righteous Use of Wealth in James 5: 1-6. *Journal of Markets and Morality*, v. 20, n. 2, p. 227, 2017.
- THEISSEN, Gerd. *Sociologia da Cristandade Primitiva*. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1987.